

Ninguém lhe receia as águas
 Noutro tempo respeitadas;
 Invadem-nas cavaleiros,
 Carros, tóras e boiadas.

As correntes que eram puras
 E amadas por justa fama,
 Rolam sujas e insultadas
 De lôdo, de lixo e lama.

A ponte dorme em projeto
 E o rio, embora a beleza,
 Depois que exibiu o váu,
 Nunca mais teve defesa.

As nossas almas também
 São como o rio profundo...
 A zona de intimidade
 Precisa ocultar-se ao mundo.

*

O mal quer turvar-nos sempre.
 Vigia. Resiste e vence-o.
 Se queres respeito e paz,
 Não te esqueças do silêncio.

O CIPÓ

Sôbre a arvore frondosa
 Que mostra calma infinita,
 Abraçada ao tronco forte,
 Lá se vai a parasita.

Não atinge o cerne, a seiva,
 Mas, buscando a copa, as flores,
 Enrodilha-se, teimosa,
 Pelas cascas exteriores.

Agarrada tenazmente,
 Vai subindo vagorosa,
 Alcansando o cume verde
 Da árvore generosa.

Aboletado nos cimos
 Do castelo de verdura,
 O cipó audacioso
 Aparenta grande altura.

Dêita flores opulentas
 De expressão parasitária,
 Avassalando a nobreza
 Da árvore centenária.

Recebe os beijos do sói,
 Embala-se na ternura
 Da carícia perfumosa,
 Da brisa mais alta e pura.

Mas, vem o dia em que o Pai,
 Na lei de renovação,
 Chama o tronco nobre e velho
 A's bençãos da mutação.

E' aí que o cipó vaidoso
 Demonstra o que não parece,
 Voltando ao pó do chão duro
 Para as zonas que merece.

Quanta gente brilha ao alto,
 E, no fundo, inspira dó?
 Ha milhões de criaturas
 Vivendo como o cipó.

Jamais olvides a lei
 De trabalho e obrigação,
 Não queiras mostrar-te ao alto
 A' custa do teu irmão.

O OÁSIS

Em tórno, o despovoado,
 Os lençóis de areia ardente...
 O viajor vive um drama
 Doloroso e comovente.

Nenhuma vegetação,
 Nem a benção de uma fonte,
 O quadro é desolador,
 Embora a luz do horizonte.

Cansado de sede e fome,
 Sofre e súa, sonha e chora,
 Desde a aurora rutilante
 A's promessãs de outra aurora.

Pede em vão, suplica a esmo,
 No auge das aflições,
 Guardando nalma ansiedades,
 Angústias, recordações.

O vento levanta a areia,
 Desfigurando as paisagens,
 E o pobre sorri chorando
 Na carícia das miragéns.